

Visita Técnica ao Museu da Imigração do Estado de São Paulo

Visita sugerida por **Paulo Barbosa** em 25/02/2016¹

A proposta da visita ao Museu da Imigração do Estado de São Paulo complementa o seminário regular apresentado em reunião do Grupo Museu/ Patrimônio GMP na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, FAUUSP em 04/02/2016, em que se discutiu o texto *Museums, Artefacts, and Meanings* de autoria de Charles Saumarez Smith, primeiro capítulo do livro *New Museology* organizado por Peter Vergo, objeto da Série de Seminários Regulares do GMP nos encontros do primeiro semestre de 2016.

Neste texto, o autor historiciza a fundação do *South Kensington Museum* e desenvolve três estudos de caso propiciados por sua experiência profissional como curador no mesmo museu, agora nomeado *Victoria and Albert Museum* de Londres, para apontar três problemas e dilemas teóricos centrais aos museus que poderiam ser assim descritos de maneira resumida:

1. como se estabelecem prioridades relativas na exposição de artefatos;
2. o inter-relacionamento e importância relativa entre o ambiente e o que é mostrado;
3. a expectativa do público e o que ele traz

Conclui o autor evidenciando que o museu deve estar sempre consciente e explorando a natureza do relacionamento entre o sistema social e o ambiente físico tridimensional e também consciente da etnografia da representação.

As questões suscitadas pela visita à exposição de longa duração do Museu da Imigração do Estado de São Paulo se relacionam com as proposições do texto de Smith observadas as especificidades do edifício, do conteúdo expositivo e do tratamento dado aos objetos pela museografia atual.

O edifício

O conjunto de edifícios ocupado pelo Museu foi inaugurado em 1887 pelo então presidente de São Paulo, Antônio de Queiroz Teles, Visconde do Parnaíba (título a ele concedido em reconhecimento ao seu empenho na expansão da Cia Mogiana de Estradas de Ferro até as barrancas do Rio Parnaíba, da qual era membro e foi presidente) como parte do projeto de expansão da cultura cafeeira paulista do estado de São Paulo. No acervo digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo encontram-se reproduções de plantas desenhadas em torno dos anos 1930 por ocasião de uma grande reforma. (fig. 1 e 2)

Embora o edifício possa ser considerado parte do acervo, testemunhando por meio de sua escala, distribuição de ambientes e espacialidade específica à uma arquitetura com

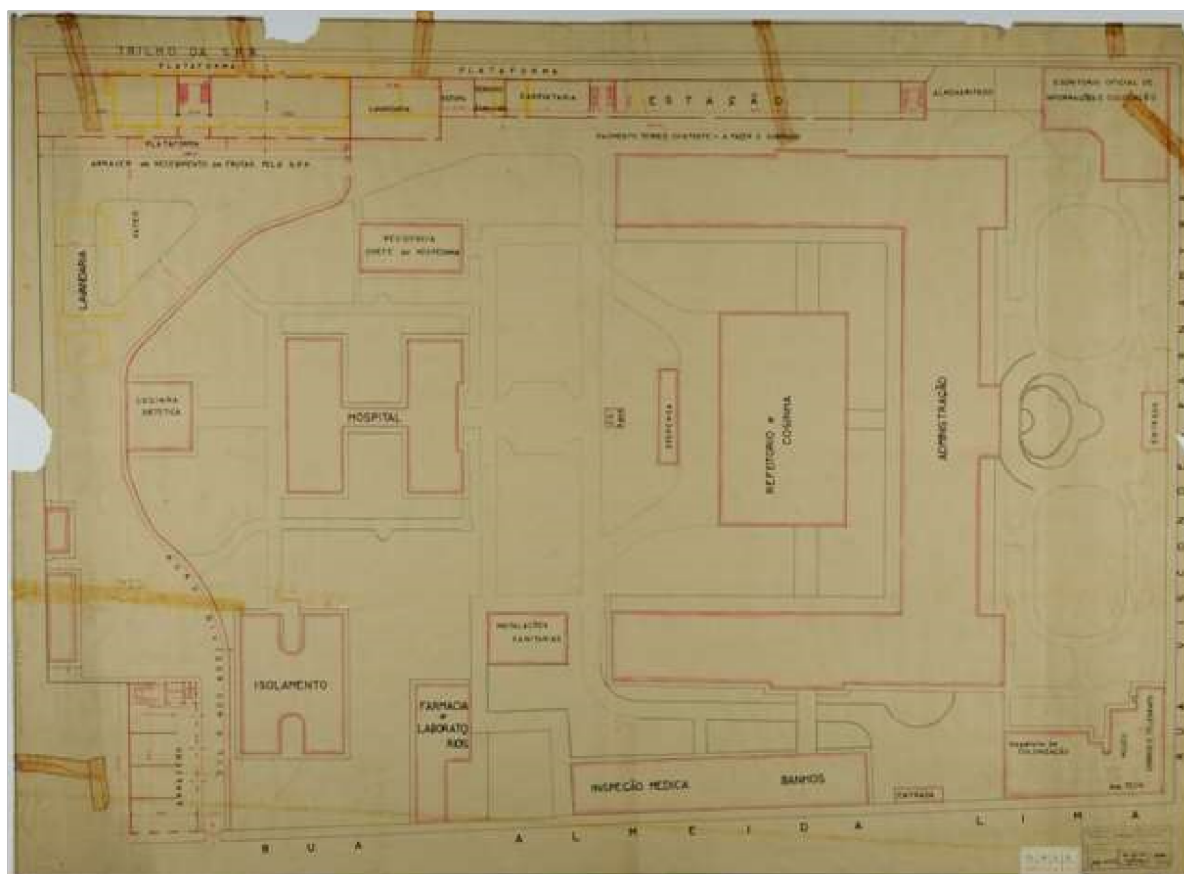
¹ O texto aqui apresentado parte de outro construído em ambiente virtual colaborativo por integrantes do grupo GMP a partir das discussões motivadas pela visita.

propósitos alinhados ao projeto político da imigração como estratégia de governo, a exposição não valoriza esta característica. Observa-se que a exposição de longa duração constrói um ambiente asséptico sem relação com o prédio, uma exposição que poderia estar em qualquer edifício. O desenho interno dos espaços segmenta o ambiente, perdendo as dimensões e amplitude do espaço original. O desenho atual, segrega e dismantela a experiência do edifício. Neste sentido o uso parcial de vidro entre os ambientes, poderia de alguma forma assegurar, ou mesmo sugerir esta dimensão.

Ademais, a relação entre a cultura e a natureza é negligenciada na área do jardim. Não há tratamento ou referência deste espaço ao conteúdo do museu em suas possibilidades de ampliação contemplando por exemplo as cerejeiras, características da cultura japonesa. Há pés de café, mas nenhum tratamento paisagístico que remeta às diferentes culturas que passaram por ali. O café, lavoura na qual a mão de obra estrangeira vem trabalhar, está presente como forma de enaltecer a conformação de São Paulo, que na época se baseia na exportação do café.

Outro aspecto observado que poderia se somar à experiência cotidiana seria dispor de alimentos, (a exemplo do museu da Imigração de NY, que oferece comidas de todos os países, explorando os sentidos do olfato e paladar), inferindo uma ausência de hábitos e referências antropológicas.

Neste sentido o local se torna asséptico, não contemplando cheiros, sabores, e somente valorizando imagens e sons, elementos acessíveis pela internet, que prescindem da presença física no espaço museal. Um tratamento ativo à Hospedaria, palco de vidas, existências e histórias, poderia explorar sua materialidade aproveitando a expografia e valorizando a presença do público, a despeito do inegável aspecto positivo dos recursos didáticos do museu.

**figura 1**

Desenho da implantação do conjunto de edifícios denominado Hospedaria do Brás em que se evidencia em planta a espacialidade de origem militar/ hospitalar.

fonte: acervo digital do Museu da Imigração.

Conteúdo expositivo

Entre os aspectos notados, destaca-se o peso cenográfico atribuído às palavras. Elas adquirem peso, tamanho, cor e forma a partir de um tratamento sutil e elegante, sem menosprezar o espectador. Respeita a escala do receptor, sendo sutil e delicada como no caso da expografia das cartas em gavetas, que confere certo encantamento e delicadeza diante da possibilidade de serem manuseadas. Ao fugir da tradicional posição vertical, típica dos monitores e telas a exposição coloca o espectador numa postura mais parecida com a leitura de uma carta escrita à mão.

Entretanto, é evidente o projeto de “nação paulista” que emerge no início do século XX e no qual a Hospedaria do Brás se insere como espaço operacional, viabilizando a arregimentação da mão de obra estrangeira para incrementar a produção agrícola. A ideologia do estado de São Paulo está claramente colocada. O museu enaltece a figura dos imigrantes, amenizando sofrimentos e amarguras. A mensagem dos vídeos declara um estado confortável, que lhes

oferece apoio e condições dignas, obscurecendo características contestadas por alguns autores, como a produção agrícola diversificada. O museu trata da vinda de um grupo específico, enquanto alude à imigração em geral e nem mesmo menciona alguns outros grupos.

Denomina-se Museu da Imigração do Estado de São Paulo, e não apenas Museu da Imigração como sugere o logotipo e a comunicação visual interna. Nome, que por si só causa certa confusão pois não se trata de toda e qualquer imigração, mas apenas daquela que passou pela Hospedaria, ou seja, de um certo tipo de imigrante que veio ao Brasil para trabalhar na lavoura do café, muito diferente daqueles que vieram para as cidades, exercer profissões liberais por exemplo. Tal discurso identifica o conteúdo do museu àquele proferido pelo chamado *patronato paulista*, endossando uma tradição construída a partir do olhar de um grupo específico. No verso do ingresso, há uma descrição mais específica do recorte do acervo limitado aos artefatos dos “imigrantes que passaram pela Hospedaria do Brás”. Os limites propostos por este mesmo texto é dissolvido pela ampliação do recorte temporal com a referência às imigrações em outros países americanos na atual museografia.

Embora haja uma sala que se propõe a contemplar questões atuais, parecem-nos pouco explorados os conflitos da imigração, e como o museu se posiciona hoje frente a estas realidades. Os novos conflitos envolvendo refugiados sírios, haitianos, e outros grupos latino-americanos são amenizados, possivelmente por falta de diálogo e trocas de produção de conhecimento com universidades e escolas incorrendo num desperdício de capital humano. Fator que poderia ser evitado com o intercambio interdisciplinar contemplando miscigenações que estas levas de imigrantes criaram e seu papel preponderante na formação de uma nação mestiça, recorrendo a fontes como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Darcy Ribeiro.

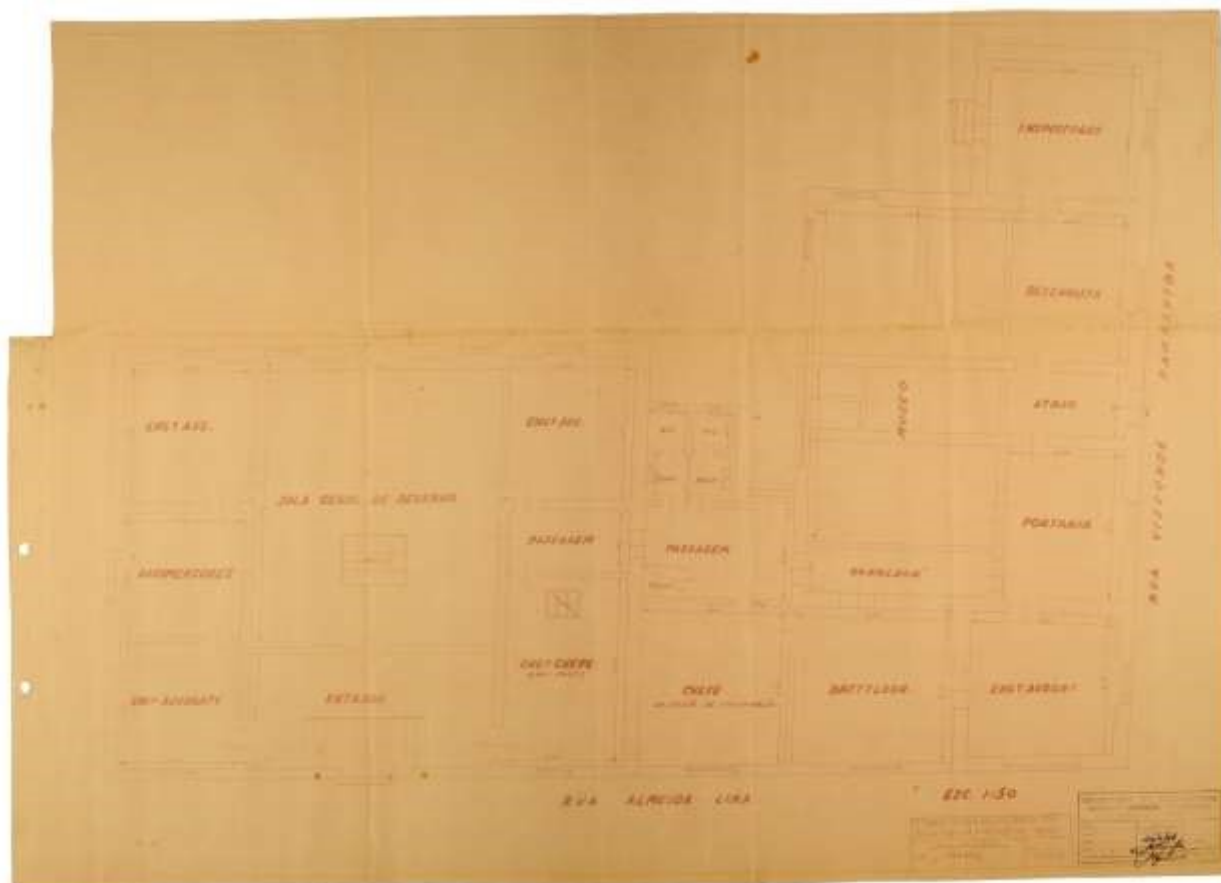


figura 2

Planta do edifício da Engenharia do conjunto da Hospedaria do Brás em que consta um ambiente denominado “museo”. fonte: acervo digital do Museu da Imigração.

Objeto

Evidenciou-se na visita o tratamento dado aos objetos pela nova expografia que parece colocá-los em segundo plano, de maneira diversa às imagens e sons, configurando uma exposição que se aproxima da idéia de *mural*. A exposição exemplifica a afirmação de Charles Saumarez Smith relativa à ficção de que o espaço museal é neutro, isento de tensões expressas no tratamento de seus acervos. Na exposição de longa duração do Museu da Imigração os objetos estão desprovidos de vida, sem contextualização de suas datas, local de produção e origem. O incômodo causado pela ausência de informações precisas minimiza o potencial de testemunho material associado ao conteúdo da exposição por exemplo, no caso da cadeira Thonet, exibida nas fotografias, ou no ventilador exposto no andar inferior sem nenhuma referência à sua produção, desenho ou contexto.